



Tipo de Trabalho: Trabalho Completo
Seção: Fisioterapia e Terapia Ocupacional

A INTERPROFISSIONALIDADE NO ÂMBITO ACADÊMICO: PERCEPÇÕES DOS DISCENTES ¹

Elivelton Duarte dos Santos ², Risomar da Silva Vieira³

¹ Pesquisa desenvolvida na Universidade Estadual da Paraíba – UEPB – Campus I no Centro de Ciências Biológicas e da Saúde/CCBS.

² Fisioterapeuta formado pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, Residente em Saúde da Família e Comunidade – SMS/JP. E-mail: eliveltonduarte18@gmail.com

³. Professor Doutor Associado da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB e atua nas áreas da saúde coletiva, ética, bioética e deontologia e práticas integrativas e complementares em saúde. Desenvolve estudos em epistemologia, história da ciência e atenção primária em saúde, desenvolvendo atividades no ensino, na pesquisa e na extensão E-mail: risomarvieira@servidor.uepb.edu.br

RESUMO

Introdução: A atuação interprofissional consiste em atividades e ações que envolvem dois ou mais profissionais que aprendem juntos de modo colaborativo, de modo que garanta uma melhoria na qualidade da atenção à saúde. **Objetivo:** Avaliar a percepção e o nível de conhecimento dos discentes dos cursos de saúde sobre a interprofissionalidade. **Métodos:** Pesquisa do tipo descritivo, analítico e exploratório, com abordagem quanti-qualitativa. A amostra foi constituída por alunos dos cursos de Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Psicologia e Odontologia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) – Campus I. **Resultado:**



Participaram 224 estudantes, sendo em sua maioria do sexo feminino e do curso de Fisioterapia. Foram observados que os discentes apresentaram conhecimento sobre a interprofissionalidade, porém os mesmos anseiam pelo desenvolvimento de projetos de cunho interprofissional. **Conclusão:** Os discentes almejam por uma prática interprofissional, logo, o presente estudo, deve servir de estímulo para que outras pesquisas sejam realizadas com foco na interprofissionalidade.

INTRODUÇÃO

Nas Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras, percebe-se ainda o ensino atrelado ao modelo biomédico, pautado no cuidado biológico, curativo, realizado de forma fragmentada, acarretando a formação de silos profissionais e corroborando para o contínuo desenvolvimento de trabalho em equipe ineficaz e de baixa resolutividade. Sendo assim, caracterizado como um modelo assistencial focado na doença e no trabalho médico, com subordinação das demais profissões da área da saúde a esse profissional (COSTA, 2014).

Sabe-se que durante a formação acadêmica, a predisposição percebida é que os profissionais de cada área trabalhem de forma isolada, isto é, independente das demais, circunscrita à sua própria área de atuação. Entretanto, alguns autores defendem que oportunidades advindas da educação



interprofissional contribuem para a formação de profissionais de saúde bem mais preparados para uma atuação integrada em equipe, na qual a colaboração e o reconhecimento da interdependência das áreas predominam frente à competição e à fragmentação (BAAR et. al., 2015).

Vislumbrando o cenário atual em saúde, é possível identificar uma nova abordagem em que membros ou estudantes de duas ou mais profissões aprendem com os outros, entre si e sobre os outros, com o objetivo de aprimorar a colaboração e qualidade dos cuidados e serviços de saúde, sendo esta abordagem conhecida como atuação interprofissional em saúde. (CAIPE, 2013)

É dessa maneira que faz-se necessário a disseminação da prática e educação interprofissional durante a graduação, pois proporciona, aos discentes dos cursos de saúde aprenderem com, de e sobre o outro, e, objetivando por meios de experiências e atuação em saúde de forma conjunta, entender os papéis dos outros

A interprofissionalidade, surge como um modelo, que pressupõe, ações interdisciplinares e integradas, com o intuito de garantir melhoria dos resultados em saúde, levando em



consideração um olhar integral do ser e do adoecer, ou seja, observando os fatores físicos, psicológicos e sociais (MARCO, 2006).

Corroborando com o que já foi dito anteriormente, Barr et. al. (2015), apresentam informações pertinentes no que diz respeito aos incontáveis esforços e propostas que têm sido realizados, em diferentes países, para que a educação interprofissional (EIP), enquanto estratégia inovadora de ensino, e a consecução de práticas colaborativas resultem numa assistência de qualidade.

Somado a isso, os autores Batista (2016) e Costa (2016), afirmam que é por meio da educação interprofissional que estudantes e profissionais da saúde superam preconceitos com relação às profissões da saúde, de forma a respeitar e conhecer às competências específicas de cada profissão, aprendendo assim, sobre o trabalho em equipe, sendo de extrema importância para a integralidade do cuidado, ou seja, aprendem e trabalham em conjunto.

Diante destas considerações, a presente pesquisa teve como objetivo avaliar a percepção e o dos discentes dos cursos de graduação em Fisioterapia, Farmácia, Enfermagem, Odontologia e Psicologia acerca da interprofissionalidade, com o intuito de contribuir por meio do esclarecimento e divulgação da importância dessa maneira de formar e atuar em saúde nos



diferentes níveis da assistência, garantindo assim um atendimento mais amplo através de um olhar de diferentes profissionais.

METODOLOGIA

Realizou-se uma pesquisa de caráter exploratório, descritivo, analítico, com abordagem quantitativa. Realizada de forma virtual no Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

A população correspondeu aos alunos de ambos os sexos, com idade a partir 18 anos dos cursos de graduação em Fisioterapia, Psicologia, Odontologia, Enfermagem e Farmácia da Universidade Estadual da Paraíba – Campus I, que estavam cursando e devidamente matriculados nos períodos: sétimo, oitavo, nono e décimo.

Foram incluídos nesta pesquisa os discentes que concordaram em responder ao formulário e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE on-line, que estavam devidamente matriculados e cursando os últimos períodos dos cursos supracitados. Foram excluídos automaticamente desta pesquisa, os alunos com idade inferior a 18 anos, bem como aqueles que não concordaram em assinar o TCLE, os discentes que estavam cursando os



períodos iniciais dos cursos de graduação, que não estavam devidamente matriculados e aqueles que não responderam a todos os questionamentos que foram feitos por meio do questionário, implicando nas análises dos dados.

Os dados foram coletados a partir da criação de formulário online utilizando a plataforma Google Forms. A proposta foi anexada a Plataforma Brasil e sendo submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual da Paraíba aprovada conforme parecer nº 5.026.692 e CAEE 52317121.7.0000.5187. A proposta de pesquisa seguiu os aspectos éticos da Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde/MS em vigor, que regulamenta as pesquisas envolvendo seres humanos.

RESULTADOS

A amostra foi constituída de 224 alunos, sendo em sua maioria formada pelo público feminino (n=172, 76,8 %) quando comparado ao público masculino (n = 52, 23,2 %), quanto a idade dos discentes, a referente pesquisa obteve alunos com 18 a 23 anos (n = 133, 59,4 %), 24 a 28 anos (n= 75, 33,5 %), 29 a 33 anos (n=10, 4,5%), 34 a 39 (n = 4, 1,8 %) e 40 anos ou mais (n=2, 0,9%) .



No que refere aos aspectos académicos a amostra foi formada pelos cursos de Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Odontologia e Psicologia, o qual se obteve o total de alunos do curso de Enfermagem (n= 30, 13,4%), sendo distribuídos nos referidos períodos: 7º período (n= 12, 40%), 8º período (n=3, 10%) 9º período (n=8, 27%) 10º período (n=7, 23%).

Já no curso de Farmácia a amostra foi constituída de 27 alunos (12,1%), sendo 5 (19%) do 7º período, 1 (4%) do 8º período, 11 (41%) do 9º período e 10 alunos (37%) do 10º período. Quanto ao curso de Fisioterapia, obteve-se um total de 107 alunos (47,8%), dos referidos períodos: sétimo período (n=19, 18%), oitavo (n=48, 45%), nono (n=28, 26%) e décimo (n=12, 11%).

No curso de Odontologia 30 discentes (13,4%) responderam o questionário, sendo distribuídos nos seguintes períodos: sétimo (n=9, 30%), oitavo (n=3, 10%), nono (n=9, 30%) e décimo (n=9, 30%). Com relação ao curso de Psicologia, a amostra foi composta por 30 indivíduos (13,4%), nos respectivos períodos: sétimo (n=8, 27%), oitavo (n=7, 23%), nono (n=6, 20%) e décimo (n=9, 30%). Após o somatório de todos os períodos, obteve-se como resultado total: sétimo (n= 53, 23,7%), oitavo (n= 62, 27,7%), nono (n= 62, 27,7%) e décimo (n=47, 21%).



No que diz respeito ao conhecimento acerca da interprofissionalidade, 195 alunos (87,1 %) afirmaram que tem o conhecimento da temática, 26 discentes (11,6%) já ouviram falar, mas não tem o conhecimento sobre a interprofissionalidade e 3 alunos (1,3%) responderam que não tem nenhum conhecimento sobre a temática.

No que refere a existência de componentes curriculares constituintes dos cursos de Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Odontologia e Psicologia, que abordam a interprofissionalidade, 79 discentes (35,3%) relataram que já estudaram sobre a temática, 97 (43,3%) responderam que talvez, mas não lembram se existe algum componente no currículo que desenvolva sobre tal temática e 48 alunos (21,4%) afirmaram que não tem nenhum componente que apresente aspectos referente a formação e atuação interprofissional em saúde.

Assim, como resultado, 215 (96%) discentes relataram que seria importante o desenvolvimento de um componente curricular que proporcionasse a interprofissionalidade entre os cursos e 9 (4%) responderam que talvez seria importante essa integralidade entre os cursos de graduação

Diante dos dados coletados, observa-se a grande importância do desenvolvimento de práticas de cunho interprofissional durante a graduação dos discentes dos cursos de saúde, para



corroborar com a soma e troca de saberes entre as diferentes áreas e assim proporcionar um trabalho em equipe de forma mais eficaz.

DISCUSSÃO

De acordo com (TOASSI, 2017) nas IES o ensino e a atuação uniprofissional ainda persistem, todavia, a interprofissionalidade vem sendo vista desde a mobilização da formação e trabalho na saúde após a Reforma Sanitária Brasileira. Somado a isso, o Sistema Único de Saúde (SUS) tem em seus princípios ordenadores a integralidade na atenção à saúde (BRASIL, 1990).

Mesmo com toda escassez de experiências exitosas, seja nas EIS, seja nos diversos níveis da saúde, Batista (2012) pontua o PET-Saúde/ Interprofissionalidade e o Pró Saúde como projetos de impactos positivo para o desenvolvimento e propagação de tal temática, o que corrobora para o bom conhecimento dos discentes sobre a interprofissionalidade.

Um aspecto que vai de encontro para o conhecimento dos discentes sobre a interprofissionalidade, está intimamente associado as práticas que a UEPB vem desenvolvendo, dentre elas, projetos de iniciação científica, de extensão, estágios e mais recente o PET – Saúde



/ Interprofissionalidade, programa de cooperação entre o Ministério da Saúde e o Ministério da Educação, aprovado por meio da portaria nº421 de 3 de março de 2010 (BRASIL, 2010), que tem como objetivo, estimular a formação de grupos de aprendizagem tutorial em áreas estratégicas para o SUS, mediante grupos de aprendizagem de caráter disciplinar, interprofissional e coletivo.

De acordo com Toassi et al., (2020) para a consolidação de mudanças no que diz respeito a formação do discente em saúde que vem acontecendo, faz-se necessário romper com currículos uniprofissionais nas instituições de ensino superior que colaboram para posturas individualistas e uma prática isolada das profissões da saúde.

Por se tratar de uma atuação pouco praticada e estudada pelos os discentes durante a graduação, a interprofissionalidade ainda não é tão vista nos serviços de atenção à saúde como uma abordagem que promove um atendimento amplo por meios de profissões que se comunicam, em busca de um bem comum, que no caso, refere-se ao bem estar do paciente.

Constatando com os achados da pesquisa, Araújo, Vasconcelos, Pessoa, Forte (2017), pontuam da relevância da junção das especificidades profissionais, pois dessa forma, propicia-se o



envolvimento de diferentes áreas do conhecimento, onde todas se completam, ou seja, os discentes podem alcançar um saber mais amplo e interprofissional.

A importância do trabalho colaborativo no âmbito da saúde demonstrada pela afirmação do discentes, reflete a necessidade de encontrar estratégias para a construção de habilidades e atitudes que viabilizem o desenvolvimento da interprofissionalidade nas Instituições de Ensino Superior - IES.

“O trabalho colaborativo é fundamental para a constituição de um bom profissional, sobretudo da área da saúde, pois fornece uma assistência adequada ao paciente, com enfoque nas necessidades e especificidades do indivíduo. Acredito que são quesitos negligenciados e por vezes abordados de maneira superficial, muito aquém da importância real que exercem no contexto profissional” (S.A)

Portanto, o desafio de repensar em práticas e currículos educacionais vislumbrando a integração teórico-prática desenvolvida com um olhar interprofissional, consistindo na construção de profissionais aptos para estabelecer redes entre os serviços de saúde, bem como constituir relações cruciais entre estruturas assistenciais e de ensino/formação, deve ser vencido, para



assim gerar mudanças nas atitudes e percepções da contribuição de cada um no cuidado à saúde. (POLETTO; JURDI, 2018).

CONCLUSÕES

Através da presente pesquisa, foi possível concluir que os discentes anseiam por uma prática interprofissional, mediante um trabalho colaborativo de compartilhamento e integralidade de saberes que se entrelaçam e se complementam, garantido uma eficaz assistência e cuidado ao usuário.

Sendo assim, faz-se necessário o desenvolvimento de componentes curriculares que corroborem para a interação das diferentes profissões por meio da EIS, favorecendo a prática integrativa e colaborativa.

Quanto as fragilidades e limites da pesquisa pontua-se o cenário pandêmico que os discentes estavam vivendo, com o alto índice de contaminação, que fez necessário se reinventar no que diz respeito ao processo de coleta de dados.



Mesmo com todas as dificuldades durante a abordagem e a busca pelos discentes por cursos e períodos, observa-se através dos resultados coletados a necessidade de uma formação interprofissional.

Logo, o presente estudo, deve servir de estímulo para que outras pesquisas sejam realizadas com foco na interprofissionalidade objetivando o desenvolvimento dessa temática no âmbito da saúde.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Interprofissional; Práticas Interdisciplinares; Saúde; Ensino Superior.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, T. A. M. Multiprofissionalidade e interprofissionalidade em uma residência hospitalar: o olhar de residentes e preceptores. **Interface**. Botucatu, v.21, n.62, p. 601-613, 2017.



BAAR, H. et al. **Effective interprofessional education**: arguments, assumption & evidence. London: Blackwell, CAIPE, 2015. 208 p.

BATISTA, N. A. Educação Interprofissional em Saúde: Concepções e Práticas. **Caderno FNEPAS**, v. 2, p. 25-28, 2012.

BATISTA, N. A.; BATISTA, S. H. S. da S. Educação interprofissional na formação em Saúde: tecendo redes de práticas e saberes. **Revista Interface** – comunicação, saúde, educação. 2016; 20(56): 202-4.

Brasil. **Lei n. 8080**, de 19 de setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências [Internet]. Brasília; 1990. Disponível em: <http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/lei8080.pdf>

BRASIL. Ministério da Saúde/Ministério da Educação. **Portaria de nº. 421/2010**. Brasília – DF. 2010.

CAIPE. **Introdução à Educação Interprofissional**. Brasília, jul. 2013 [e-book]



COSTA, J. P. et al. Resolubilidade do cuidado na atenção primária: articulação multiprofissional e rede de serviços. **Saúde debate**, Rio de Janeiro, v. 38, n. 103, p. 733-743, out./dez. 2014.

COSTA, M. V. A educação interprofissional no contexto brasileiro: algumas reflexões. **Revista Interface – comunicação, saúde, educação**. 2016; 20(56):197-8.

MARCO, M. Modelo Biomédico ao Modelo Biopsicossocial: um projeto de educação permanente. **Revista brasileira de educação médica**, 2006.

TOASSI, Ramona Fernanda Ceriotti (org.). **Interprofissionalidade e formação na saúde: onde estamos?** Porto Alegre: Rede Unida, 2017.

TOASSI, R. F. C. et al. Ensino da graduação em cenários da atenção primária: espaço para aprendizagem interprofissional. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 18, n. 2, p. e0026798, 2020.